

**Editorial**

A fenomenologia se diz de muitos modos. É polifônica por natureza. Os artigos que se apresentam no dossiê deste número da *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea* o testemunham. Eles foram ocasionados pela participação de diversos fenomenólogos do Brasil no Encontro de Fenomenologia, promovido pelo Grupo de Trabalho de Fenomenologia da ANPOF, nos dias de 28 a 30 de setembro de 2015, em Belo Horizonte, e realizado graças ao apoio da FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) da UFMG.

A fenomenologia vem à fala de muitos modos e em diversos sentidos. De modo originário e num sentido inaugural, fenomenologia é o *lógos* do próprio fenômeno, isto é, a coisa mesma se manifestando, doando-se, clareando-se, evidenciando-se a si mesma desde si mesma. É o evento do ser se dando e se retraindo, se dizendo e se silenciando, no acontecer dos seres. Em sua originariedade, a fenomenologia dos fenômenos é o que provoca o pensamento a pensar. Com efeito, o pensar só é, propriamente, em correspondendo, ele mesmo, à fenomenologia dos fenômenos. Neste sentido, já Aristóteles, no livro I da *Metafísica*, ao expor as doutrinas hesitantes dos primeiros filosofantes, está atento ao decisivo: a coisa mesma (*autò tò pragma*) abriu o caminho para eles e os constringiu a investigar para além dos caminhos que tinham, até então, percorrido (*cf. Metafísica A 3, 984<sup>a</sup>: 18-19*). Fenomenologia se torna, assim, conceito de método do questionamento do pensar, da investigação filosófica. Método, no sentido de um estar a caminho numa busca investigadora, que se deixa aviar pelas vias abertas pelas coisas mesmas e se deixa constranger pela necessidade das intuições e das evidências que estas doam desde si mesmas e por si mesmas. O caminho e a coisa para a qual o caminho se encaminha, como busca questionadora, investigativa, não podem ser duas coisas. Precisam ser um. Esta unidade de método e coisa é o fenomenológico de uma investigação filosófica. À medida que isso acontece, o pensar revela sua essência fenomenológica.

A busca da radicalidade da filosofia entendida como investigação, que se dirige, em sua intencionalidade, às coisas mesmas que estão em questão, as quais provocam o pensamento a pensar, abrem caminhos para os pensadores e os constroem em seus esforços de perseguir o sentido de ser do que, a cada vez, se mostra, fez surgir a fenomenologia como um dos movimentos reflexivos mais importantes do pensamento no século XX. Por caminhos cada vez singulares que se cruzam num diálogo sempre plural, diversos pensadores, partindo de diversas arrancadas, se empenham por elucidar, clarear, a relação significativa do fenômeno com o homem. O caminho de Husserl, em diálogo com o qual estão os demais participantes desse movimento, se avia pelas vias da análise fenomenológica da intencionalidade. É um caminho de retorno, ou melhor, de recondução às fontes geradoras de todas as estruturas de sentido, a qual acontece ao modo de uma tríplice redução (fenomenológica, eidética e transcendental). Tematiza-se como o que se mostra numa experiência intuitiva da verdade se dá a uma consciência; como isso esboça de si uma estrutura, uma forma essencial; como encontra a sua gênese constitutiva no processo gerador de estruturas de sentido produzido pela subjetividade, e, enfim, pela intersubjetividade transcendental. Outros pensadores deste movimento reflexivo da filosofia contemporânea encontrarão a abertura de outros caminhos de investigação fenomenológica, que se cruzam, no entanto, com o caminho de Husserl. Assim, só para citar um destes, para Heidegger, a coisa mesma que provoca o pensamento a pensar, abre caminho e constrange a investigar a fenomenologia dos fenômenos em sua referência como o homem, dando-se e retraindo-se na ambivalência da verdade manifestativa do ser, enquanto mistério, isto é, enquanto o abrigar de toda a abertura e descoberta, se dando no jogo de encobrimento e desencobrimento.

A fenomenologia, no sentido do movimento reflexivo da filosofia contemporânea, apresenta-se como uma comunidade de pensadores, envolvida num perene diálogo, e que se estrutura com círculo de círculos de investigação fenomenológica. É essencial a este movimento, para não se cristalizar em escola, corrente ou ponto de vista, colocar-se a si mesmo continuamente em questão,

medindo-se com a radicalidade da sua proposta de método investigativo. Acima, portanto, da realidade histórica já formada, está a possibilidade do pensamento, que responde aos apelos do porvir.

Os artigos que o leitor encontrará neste dossiê de fenomenologia, que a *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea* oferece neste número, trazem contribuições de uma comunidade de pensadores, filósofos, estudiosos, que se reconhece como um Grupo de Trabalho de Fenomenologia. A expressão “Grupo de Trabalho” aqui não tem a função de apenas nomear um elemento da organização acadêmica, focada na produtividade da *pesquisa*, que se dá no nível institucional da educação superior no Brasil. Para a fenomenologia, a noção de *trabalho investigativo*, desenvolvido numa comunidade de pensadores, marcada pela pluralidade de caminhos, perspectivas, interesses, não é algo de acidental, de acessório, mas sim algo de essencial, de estruturante.

No dossiê de fenomenologia do presente número da *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, o leitor encontrará o produto do trabalho desta comunidade de investigadores. Os primeiros artigos, de Mário Porta e de Sávio Peres, trazem contribuições para se poder melhor compreender a gênese histórica da fenomenologia husserliana a partir da sua filiação à escola de Brentano e da confrontação teórica com pensadores como Twardowski, Frege, Stout, Moore, etc. A questão que se impõe, aqui, é a referente ao relacionamento de ato, conteúdo e objeto, importante para se pensar a teoria da significação e do juízo. Na discussão desta questão já entram em jogo o problema da imanência ou da transcendência da consciência, bem como da intencionalidade. Em seguida, Carlos Tourinho procura pôr em relevo uma dupla preocupação da fenomenologia transcendental husserliana em referência ao mundo: afirmação da existência e, por outro lado, elucidação do sentido do mundo. O método fenomenológico, pela epoché, leva a uma certa perda do mundo, mas este mesmo mundo é recuperado a partir da gênese constitutiva, que pressupõe, por sua vez, a doação de sentido a partir de uma consciência originária. Os dois polos desta dupla preocupação, portanto, aparecem referidos um ao outro na dinâmica de uma circularidade, em que nem a existência do mundo nem a sua gênese a partir da consciência originária doadora de sentido são negados. Em seguida, Martina Korelc tematiza o sentido de crença e razão na mesma fenomenologia husserliana. A razão é a essência e o *telos* do homem e a filosofia é um modo de vida que se funda na crença na razão. O artigo tematiza a crença como posição de ser e a sua legitimação pela razão e discute o sentido teleológico da crença em Deus na fenomenologia husserliana, elucidando a dinâmica teleológica da vida da subjetividade e intersubjetividade, que reúne, numa unidade originária, teoria e prática.

O autor que se pronuncia nesta apresentação, por sua vez, trata da fenomenologia da evidência, tal como fora discutida por Heidegger. Ponto de partida é a intencionalidade do conhecer e seus graus de plenitude intuitiva, cuja culminância se dá com a percepção. A partir da percepção e do que ela manifesta intuitivamente se dá a possibilitação do ato de identificação, isto é, o acontecer da coincidência entre o presumido e o intuído. A evidência se mostra, então, como o autoclareamento do próprio ato de identificação. Em Heidegger, porém, a fenomenologia da intencionalidade não se põe como o relacionamento da consciência com o objeto ou o mundo objetual, mas sim como o relacionamento da presença humana com os entes a partir da sua abertura de mundo (ser-no-mundo). A intenção fundamental da fenomenologia está concentrada no empenho de captar e clarificar a dinâmica de significação que o fenômeno consegue mostrar de si mesmo na sua pertença ao todo da Vida. Marcelo Fabri procura ressaltar que fenomenologia e hermenêutica não se excluem, mas se incluem e se complementam e, nessa complementação, se enriquecem. Assim, segundo sua contribuição, a pureza transcendental do ego constituinte, em virtude da condição responsiva da subjetividade, não é um empecilho à abertura dialógica própria da hermenêutica filosófica. Seguindo também pela via de uma fenomenologia hermenêutica ou de uma hermenêutica fenomenológica, Hélio Gentil trata da questão do consentimento no contexto da fenomenologia da vontade, isto é, do voluntário e do involuntário, tal como é exposta por Paul Ricoeur. O homem aparece como liberdade em situação, na tensão entre o voluntário e o involuntário corporal absoluto, que tem três dimensões, a do caráter, a do inconsciente e a da vida. Ericson Falabretti, por sua vez, põe em confronto a fenomenologia da percepção, de Merleau-Ponty e a obra *Étant*

*Donné*, de Jean-Luc Marion. Em Ponty, a redução fenomenológica leva não à consciência originária pura e simplesmente, mas ao irrefletido. O originário seria, então, a experiência perceptiva que se dá a partir da íntima conexão de corpo próprio e mundo. Por esta via, no entanto, se expõe ao risco de uma má-ambiguidade, que transforma a percepção em pensamento. Em contrapartida, porém, a redução fenomenológica, no caminho da reflexão de Marion, conduz ao originário da doação do ser, ao puro dom do puro aparecimento, um aparecer que aparece sem vinculação a objeto, a sujeito e a síntese perceptiva ou intelectual.

Depois, Simeão Sass põe em evidência o confronto de Kurt Goldstein e Jean-Paul Sartre no que concerne a uma teoria das emoções. Sartre considera que a origem da emoção é uma degradação espontânea da consciência diante do mundo. Goldstein, representante da teoria da Gestalt, porém, parte de outras afirmações de Sartre sobre as emoções. Uma, é a de que a emoção significa alguma coisa para a vida psíquica do sujeito em questão; outra, a de que, na experiência da emoção, vivemos em outro mundo. A emoção configuraria, segundo Sartre, um mundo mágico, uma via de escape do mundo real para o mundo irreal. Goldstein, porém, entende que nem toda emoção é uma fuga para o mundo mágico. Em algumas situações, a emoção seria uma forma de viver no mundo real de outra maneira. A emoção não precisa ser, necessariamente, uma forma de precarização da existência, ela pode ser, também, uma forma de ajuste, de acordo com o mundo circundante, buscando um equilíbrio possível diante de uma catástrofe, ainda que a custo de certa passividade.

Por fim, as vias da fenomenologia se encontram com a filosofia da existência e com o personalismo. Adão Peixoto traz o pensamento de Emmanuel Mounier, em que a pessoa é a referência central de uma filosofia da existência. O pensamento assume as características de uma fenomenologia da concretude da pessoa. Esta aparece inserida na história real, incumbida de responder a um apelo de transcendência. A pessoa é, pois, um ser encarnado na realidade histórica, um ser situado, por um lado, mas, por outro, capaz de romper os determinismos, de intervir na história, transformando-a. Último na série das contribuições, mas não último em importância, Claudinei Silva traz um pensador que se dedica a uma fenomenologia concreta do mistério do ser e da participação ontológica: Gabriel Marcel. O autor, aqui, procura situar a gênese da teoria da participação ontológica nos escritos iniciais de Marcel, produzidos entre 1910 e 1914. O germe deste pensamento se caracteriza, então, como a oposição ao “saber absoluto” e a recondução do pensamento a uma doutrina da intuição. E a intuição, não nos esqueçamos, é experiência de verdade fundante de toda a fenomenologia, tanto é que Husserl a recordou ao expor o princípio dos princípios do método fenomenológico, a saber, que tudo aquilo que se nos oferece originariamente numa intuição”, há de ser tomado simplesmente como aquilo que se mostra, mas também só nos limites em que se dá aí.

Que o leitor, pois, ao percorrer estes caminhos fenomenológicos do pensamento, tentando pensar o pensado e o impensado destes pensadores, possa fazer deste exercício de leitura uma boa oportunidade para crescer e amadurecer na arte de aprender a pensar, a filosofia.

*Marcos Aurélio Fernandes*

O presente número também conta com os artigos de Rodrigo Ornelas, que versa sobre Max Stirner, e de Francesco Tomasoni, no qual trata de Feuerbach. Este segundo artigo foi originalmente apresentado em evento temático sobre Ludwig Feuerbach, na Universidade Federal do Ceará, e cuja estrutura de notação original excepcionalmente mantivemos. Publicamos ainda uma resenha de Priscila Rufinoni sobre livro de Uriel da Costa, lançado pela UFG, e a primeira parte da tradução experimental para o texto de Hegel, *Preleções sobre a Filosofia do Espírito*, precedido por uma apresentação que localiza essas questões hegelianas no debate da filosofia política, por Erick Calheiros de Lima.

*Os editores*